

REPORTAGEM ESPECIAL

Profissionais são "caçados"

Apesar das taxas de desemprego, algumas profissões estão em alta. A alternativa é buscar os trabalhadores em outros estados

ALINE NUNES
RODRIGO COU TO

Mesmo com taxas de desemprego elevadas, às vezes basta um curso para estar novamente recolocado no mercado. No Espírito Santo, muitas empresas têm vagas abertas, mas faltam profissionais habilitados para exercer a função. De técnico têxtil a recepcionista de hotel com fluência em inglês, empresários estão "caçando" mão-de-obra fora do Estado.

Na indústria de confecções, há carência em três áreas distintas obrigando os proprietários das empresas a "importar" profissionais.

"O setor tem cerca de 23 mil empregados fixos ao longo do ano e outros três mil temporários, de agosto a dezembro. Apesar da grande maioria ser da área operacional, algumas funções são essenciais para o sucesso de uma empresa, mas o mercado capixaba é carente", afirmou Lucas Izoton, presidente do Sindicato das Indústrias de Confeção do Espírito Santo (Sinconfec).

Entre estilistas e técnicos têxteis, por exemplo, capixabas são poucos. "Eu montei um escritório de desenvolvimento de produto em Belo Horizonte (MG) porque aqui havia poucos profissionais", comentou Izoton, proprietário da Cobra D'Água, que também traz os funcionários de lá para atuar no Estado.

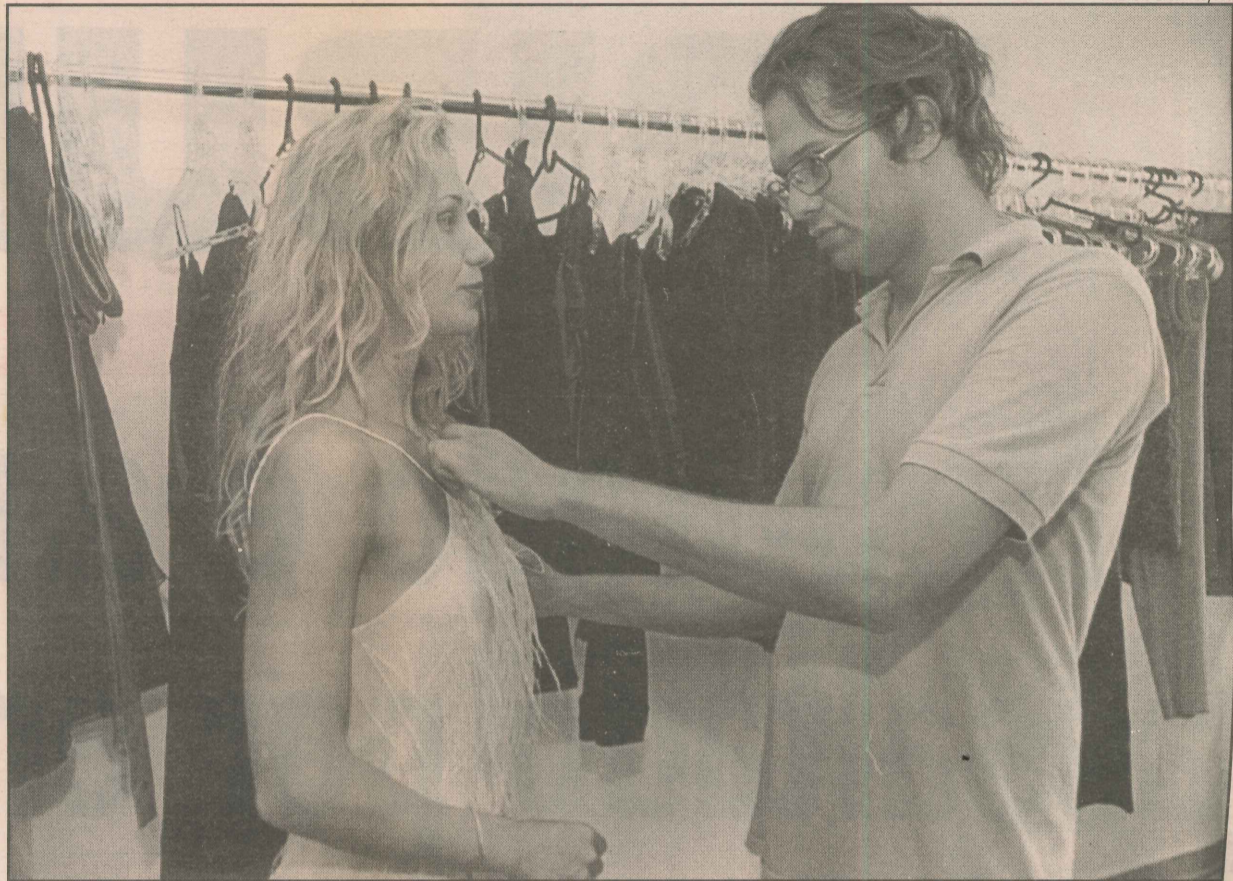
Na área educacional, a história se repete. Os cursos de graduação precisam ter professores com Mestrado e Doutorado, mas a realidade no Espírito Santo não atende às exigências do Ministério da Educação (MEC).

"Uma solução que encontramos foi fazer Mestrado interinstitucional. Para os professores do Direito, subsidiamos parte da despesa para que fizessem o curso na Universidade de Santa Catarina e os da Administração estudaram em Minas Gerais. Nas outras áreas, acabamos por trazer profissionais de fora", contou o reitor da UVV, Manoel Ceciliano Salles de Almeida.

Para o curso de Relações Internacionais, o coordenador Arnaldo Rondon - também contratado de fora - precisou publicar anúncio em jornais do Rio de Janeiro para atrair profissionais que sejam especializados.

Outro problema é na área de atendimento ao turista: desde o guia, passando pelo recepcionista de hotel até os funcionários de bares e restaurantes, encontrar algum desses profissionais que fale inglês fluentemente é tarefa complicada.

"Estamos tentando recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) para oferecer os cursos. Falar uma segunda língua é, no mínimo, uma garantia de emprego", avaliou Márcio Valadares Nader, presidente do Sindihotéis.



Humberto Guaracy tem seu próprio ateliê e se prepara para o mercado paulista

Consultor encontra mercado aberto

No mercado há apenas dois anos, Humberto Guaracy é um dos poucos estabelecidos no Estado com a graduação de estilista. Formado pela Faculdade Santa Marcelina, em São Paulo, ele trouxe na bagagem conceitos que permitiram inovar a moda capixaba e, agora, é consultor de duas empresas.

Guaracy também tem seu próprio ateliê e já se prepara para, em 2002, comercializar suas peças em São Paulo. Final de ano para o estilista é sempre época de muito trabalho - si-

tução da qual não reclama - mas se ressenete da falta de concorrência.

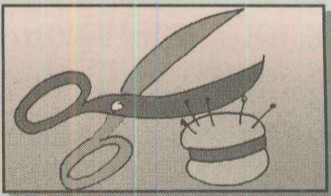
"Sem a concorrência, não se cria um diferencial. As pessoas ficam sem opção de estilos, o mercado fica restrito e não tem como poucos profissionais atenderem à demanda", ponderou Guaracy.

Em função disso, a abertura de cursos de Moda em três faculdades capixabas agradou Guaracy, apesar da perspectiva dele competir com os futuros profissionais. "Eu só espe-

ro que tenham uma boa formação para tornar o mercado mais acelerado, mais inovador", ressaltou.

O estilista apenas não revela quanto fatura porque, segundo ele, a sua produção oscila muito conforme a época do ano. Para se ter uma idéia, tomando como base uma empresa de confecções, o salário de um estilista pode chegar a R\$ 6 mil, de acordo com o presidente do Sindicato das Indústrias de Confeção do Espírito Santo (Sinconfec), Lucas Izoton.

PROFISSÕES EM ALTA

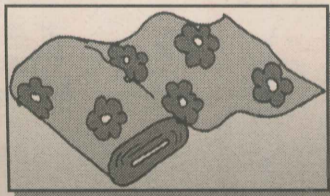


ESTILISTA

Somente neste ano, três instituições de Ensino Superior - UVV, Faesa e Novo Milênio - abriram cursos de Moda. Ao longo dos anos, a falta de escolas especializadas deixou o mercado capixaba restrito, com poucos profissionais habilitados, levando empresas a "importar" mão-de-obra de outros estados.

Nos bastidores, alguns costureiros e consultores costumam se denominar estilistas, mas não o são. "O estilista tem um trabalho autoral; ele cria, não faz cópias do que vê nas revistas", explicou a jornalista Betty Feliz.

Nas grandes empresas de confecções, um estilista, com graduação, pode ganhar até R\$ 6 mil.

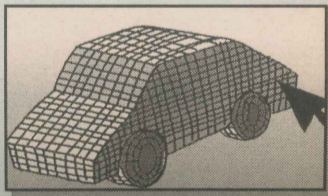


TÉCNICO TÊXTEL

Ainda no mercado de confecções, os empresários do setor têm dificuldades para encontrar profissionais com curso na área têxtil. Com habilitação, os técnicos têm a chance de tornar-se consultores ou mesmo ter uma atuação fixa dentro de uma empresa como coordenadores da seção de produção ou como gerentes industriais.

A exigência é uma especialização em nível médio que, atualmente, é oferecida pelo Senai-Cetiqt, no Rio de Janeiro.

De acordo com Lucas Izoton, presidente do Sindicato das Indústrias de Confeção do Espírito Santo (Sinconfec), há perspectiva da implantação do curso no Estado, que permitirá aos que o fizerem ganhar salários de até R\$ 3 mil.

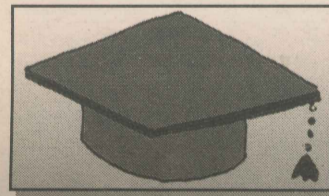


OPERADOR DE CAD

Ter domínio em informática e, ao mesmo tempo, ter experiência em corte. Operando um equipamento CAD, o funcionário será capaz de fazer modelagem, encaixe e risco numa indústria de confecções.

Entretanto, no Espírito Santo não há escolas que ofereçam cursos que possibilitem a utilização da máquina e a oferta de empregos está maior que a demanda.

A solução, para muitos empresários em busca de profissional habilitado, tem sido eles próprios ensinarem os empregados a usar o equipamento. Cada indústria de confecção precisa de, no mínimo, dois profissionais da área e o salário varia de R\$ 400,00 a R\$ 800,00.

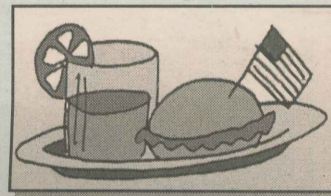


PROFESSOR COM TITULAÇÃO

Por exigência do Ministério da Educação (MEC), as instituições de Ensino Superior precisam ter no corpo docente um percentual de professores com Mestrado e com Doutorado.

A determinação é uma forma de qualificar os cursos oferecidos, porém o Estado é carente de profissionais com titulação. Muitos têm Especialização, mas com Mestrado e Doutorado a dificuldade é maior, especialmente porque são poucas as instituições capixabas com reconhecimento do MEC para oferecer as pós-graduações.

É por isso que grande parte das faculdades têm professores do Rio de Janeiro e de São Paulo, que podem ganhar cerca de R\$ 5 mil.



GARÇOM QUE FALA INGLÊS

Um programa da Embratur prevê para 2002 a abertura de 25 mil postos de trabalho, entre os quais garçons e camareiras, em navios que vão fazer cruzeiros.

Para essas funções, o salário inicial é de US\$ 2 mil (R\$ 4,75 mil), mas com um detalhe: o candidato precisa falar fluentemente o inglês. "Seria bom se todas as vagas fossem ocupadas por capixabas, mas praticamente não existem, no Estado, profissionais na área com conhecimento de inglês", constatou Márcio Valadares Nader, presidente do Sindihotéis.

Essa falta de especialização também entre recepcionistas e guias dificulta a expansão do mercado local.